

A QUEM PERTENCE UBIRAJARA? UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO POR MEIO DE WEBQUEST

Lucas Pinto Seixas

l182668@dac.unicamp.br¹

Maria Júlia Buck Rossetto

majubr21@gmail.com²

Resumo

O trabalho apresenta uma atividade avaliativa desenvolvida com alunos do COTIL, do 2º ano do ensino médio, realizada em formato de Webquest, durante a experiência de estágio de um discente do curso de Geografia da Unicamp. Tal metodologia foi escolhida em função da autonomia que dá aos estudantes, à medida que também os possibilita explorar tecnologias para obter informações sobre o caso em questão. A temática tratada se relacionou com a disputa em torno da posse de um fóssil de um espécime brasileiro que fora levado à Alemanha. Os resultados mostraram que o webquest possibilitou reflexões importantes acerca de dinâmicas coloniais que persistem na estrutura científica, dando aos alunos possibilidade de exercer seus posicionamentos por meio de newsletters.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Decolonialidade, Newsletter.

Introdução

O presente trabalho consiste na apresentação dos resultados de uma atividade avaliativa desenvolvida com alunos do Ensino Médio, especificamente do 2º ano, realizada em parceria entre a professora do Colégio Técnico de Limeira (COTIL) e o aluno da disciplina de Estágio em Educação II da Unicamp. O objetivo do exercício foi trazer aos alunos a oportunidade de construção do conhecimento de forma ativa, partindo de uma proposta de *webquest*, se aproveitando da “controvérsia” envolvendo a disputa em torno da posse do fóssil do espécime *Ubirajara jubatus*, primeiro dinossauro com penas encontrado na América Latina, na Bacia do Araripe - CE, descoberta que trouxe um novo rumo para os estudos paleontológicos, à medida que traz novas perspectivas sobre os ambientes pretéritos nessa localidade. Dentro da atividade da geografia, buscou-se explorar os conhecimentos

¹ Mestrando em Geografia (IG/Unicamp).

² Mestra em Geografia, estudante de Pedagogia e professora do Ensino Básico.



sobre América Latina e a formação de um sistema-mundo-moderno-colonial, que tem a produção do conhecimento científico como um de seus pilares da ampliação e sustentação de desigualdades (QUIJANO, 2005).

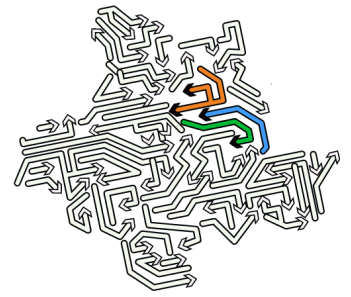
Os alunos foram responsabilizados por tomar uma posição sobre a posse do fóssil, já que as disputas no primeiro plano são em torno de sobreposições legislativas de caráter colonial entre Brasil, Alemanha e mesmo organizações e tratados internacionais, como o caso da UNESCO sobre a posse do holótipo *Ubirajara jubatus*, que se encontrava no Museu de Karlsruhe³ na Alemanha, mas tanto instituições científicas quanto membros da academia e da sociedade brasileira reivindicam a devolução. Cisneros *et al* (2022) mostram como práticas similares (formando uma espécie de colonialismo científico) são comuns e contribuem para ampliação de desigualdades na produção de conhecimento entre países centrais e periféricos no contexto globalizado.

Existem diversas questões envolvidas em tal disputa: a soberania nacional, o questionamento sobre a posse de patrimônio cultural por estrangeiros (moral, econômico, científico) o direito sobre a produção de conhecimento e da própria estruturação científica em mundo globalizado, uma vez que as práticas coloniais de invasão, pilhagem e saques constituíram disparidades socioespaciais que continuam presentes na materialidade do território e nas práticas e imaginários sociais. O presente trabalho traz, na sequência, uma apresentação da proposta de atividade desenvolvida e compartilha alguns resultados obtidos com os alunos.

Apresentando a atividade

O modelo de *Webquest* utilizado na oportunidade em questão foi proposto por Dodge (1995), visando trabalho colaborativo a partir das informações disponíveis na *web*. Segundo o autor: “WebQuest é uma investigação orientada na qual algumas ou todas as informações com as quais os aprendizes interagem são originadas de recursos da Internet, opcionalmente suplementadas com videoconferências” (p.1). Os professores, nesse caso, enquanto propositores e mediadores da atividade, fornecem algumas informações relevantes para ampliar o conhecimento sobre a situação a ser trabalhada (textos jornalísticos, documentários,

³ Em junho de 2023, após mobilizações da comunidade científica brasileira e repercussões internacionais, como a *despublicação* do artigo do pesquisador alemão pela revista, o fóssil retornou ao Brasil.



podcasts, fotos, gráficos *etc.*), enquanto os alunos têm a tarefa de procurar outras fontes confiáveis que agreguem mais conhecimento sobre o assunto.

A *Webquest* proposta, com tema centrado na posse do fóssil *Ubirajara Jubatus* foi dividido nas seguintes etapas:

- Início: apresentação da atividade, título e imagens ilustrativas.
- Contexto: introdução da temática por meio de texto argumentativo/informativo elaborado pelos professores para trazer à tona a relação entre globalização e colonialidade
- Proposta: Após mais informações sobre a situação, nessa etapa é apresentado aos alunos a tarefa a ser realizada. No presente caso, os passos a serem seguidos foram:
 - Você é um estudante brasileiro do ensino médio e é membro do Grupo de Estudos sobre Decolonialidade.
 - Após debaterem o tema em um dos encontros, vocês resolveram elaborar uma **newsletter** com objetivo de informar a comunidade escolar sobre o assunto
 - O objetivo desse documento (newsletter) será:
 - **Informar** a comunidade sobre o caso do *Ubirajara Jubatus*
 - **Deixar clara a posição** do grupo sobre a situação e qual deveria ser o destino do fóssil
 - inserir breves **reflexões** sobre como a situação reflete contextos históricos, sociais e geográficos envolvendo países da América Latina e da Europa
 - **Expor argumentos** que reforcem o ponto de vista do grupo sobre o caso
 - Inserir **imagens** para ilustrar o documento
- Processo: formalidades e especificidades do documento a ser elaborado
- Avaliação: explicações sobre os critérios utilizados para avaliar os trabalhos entregues.
- Material de Apoio: links com os materiais fornecidos pelos professores, como mostra a Figura 1.

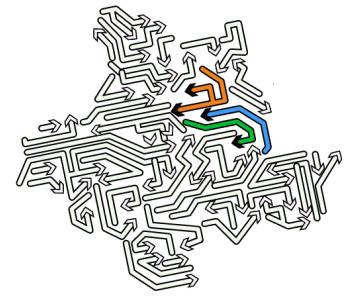
Figura 1 - Interface da etapa de “Material de Apoio” da *Webquest*



Fonte: acervo próprio

A produção dos estudantes: descolonizando mentes, assumindo o protagonismo

O compromisso com a descolonização das mentalidades é imprescindível para o traçado de trajetórias múltiplas e emancipatórias no que diz respeito à educação. Assim, o processo educativo deve partir da realidade das pessoas envolvidas, trazendo o diálogo como base para análise e superação das problemáticas encontradas. Reafirmando Bell Hooks (2020), a educação é a via certa para a liberdade. Portanto, os sujeitos envolvidos no processo (e projeto) educacional emancipatório são responsáveis pelas rupturas necessárias para a contraposição da massificação, mercadologização e perseguição àqueles que atuam continuamente em prol da transformação social através do protagonismo popular. Neste sentido, é necessário considerar que a escola europeia é produto e produz o comparativo de um imaginário social, espacial e histórico com relação às outras existências. Retomando Quijano (2005: 117), na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis



sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Para além da questão econômica, o projeto de integração capitalista também produziu o imaginário de padrão de vida eurocêntrico a partir da perseguição e epistemicídio de produções de povos distintos da geo identidade imposta.

Refletindo acerca do breve desenvolvimento histórico da escola moderna anteriormente abordado no texto, é possível conceber uma série de paralelos com os pontos levantados por Quijano (2005) no que se refere à imposição de uma perspectiva eurocêntrica através do controle e dominação dos corpos e espaços. Neste sentido, nota-se que as influências educacionais acabam por obedecer a uma postura colonial, mantendo uma sociedade estruturalmente desigual.

Apesar das independências conquistadas no decorrer dos territórios dominados por um extenso período de relações coloniais de exploração, sem a concretização de uma descolonização de fato, segundo Quijano (2005), continua por manter as amarras de dominação no desenvolvimento dos Estados-nação modernos, e, conseqüentemente, uma rearticulação da colonialidade do poder sobre as bases institucionais e, principalmente no que se refere à temática tratada no decorrer deste texto, ao desenvolvimento da educação para além do continente europeu.

Acreditando que os espaços e suas temporalidades correlacionadas acabam por serem intimamente constituídas através da multiplicidade dos sujeitos, somos corpos em constante processo de aprendizado e desenvolvimento, trazendo conosco nossos significados, posicionamentos, identidades. Neste sentido, pensar uma educação democrática e decolonizada parte do pressuposto de que as relações estabelecidas no decorrer da escolarização deve ser pautada em um diálogo amplo, aberto e que favoreça as existências individuais, a autonomia e a construção de um senso crítico coletivo acerca das diversidades de vivências cotidianas. Na potencialidade educacional, o ser humano é capaz de aprender e ensinar e com isso construir um novo mundo que fosse de interesse da diversidade (hooks, 2020).



Na construção da autonomia, a Geografia é poderosa e necessária para a formação cidadã, sendo protagonista na articulação de relações existentes entre os locais em suas diferentes escalas e dimensões. O raciocínio geográfico (CASTELLAR; DE PAULA, 2020) é original ao propor ao estudante a identificação dos sujeitos em prol de uma justiça social, baseados na compreensão de realidade e de vivências espaciais dialogadas entre trajetórias. Reconhecendo a complexidade entre relações e representações espaciais, bem como categorias, processos e situações geográficas atreladas ao desenvolvimento cognitivo de apropriação dos significados pelos estudantes (CASTELLAR; GARRIDO; DE PAULA, 2022), é imprescindível instigar a participação coletiva, ativa e afetivamente, no intuito de promover a apropriação de valores, crenças, conhecimentos e referenciais sociais e históricos. É produzida uma apropriação significativa tanto para si como para o outro, tornando-o responsável pela transformação da realidade em que está inserido.

A escola como espaço de desenvolvimento e aprendizagem envolve todas as experiências contempladas nesse processo, considerando tudo como significativo, como os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos, os quais estão inseridos nas interações e relações entre os diferentes segmentos. A escola é o meio fomentador de convivência e coletividade que infere um caráter atuante nos estudantes.

Neste sentido, a proposta do Webquest vem de encontro com o movimento de promoção da percepção autônoma, independente e centrada em dinâmicas, perspectivas e necessidades imersas no protagonismo do coletivo estudantil. No decorrer da atividade, os estudantes necessitavam debater para acordar o posicionamento, bem como dialogar acerca das maneiras escolhidas enquanto promotoras do pensamento e das informações envolvidas no posicionamento dos grupos. Dessa forma, o processo reflexivo, além de propor a não neutralidade de pensamentos, evidenciou a importância do desenvolvimento da curiosidade, criatividade e imaginação geográfica (MASSEY, 2017), conforme é possível observar na Figura 2.

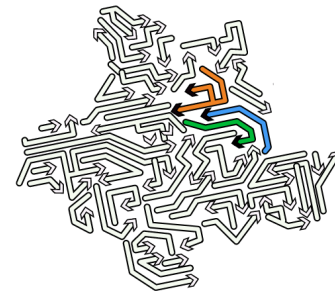


Figura 2 - Interface de um dos trabalhos entregues pelos estudantes



Fonte: acervo próprio

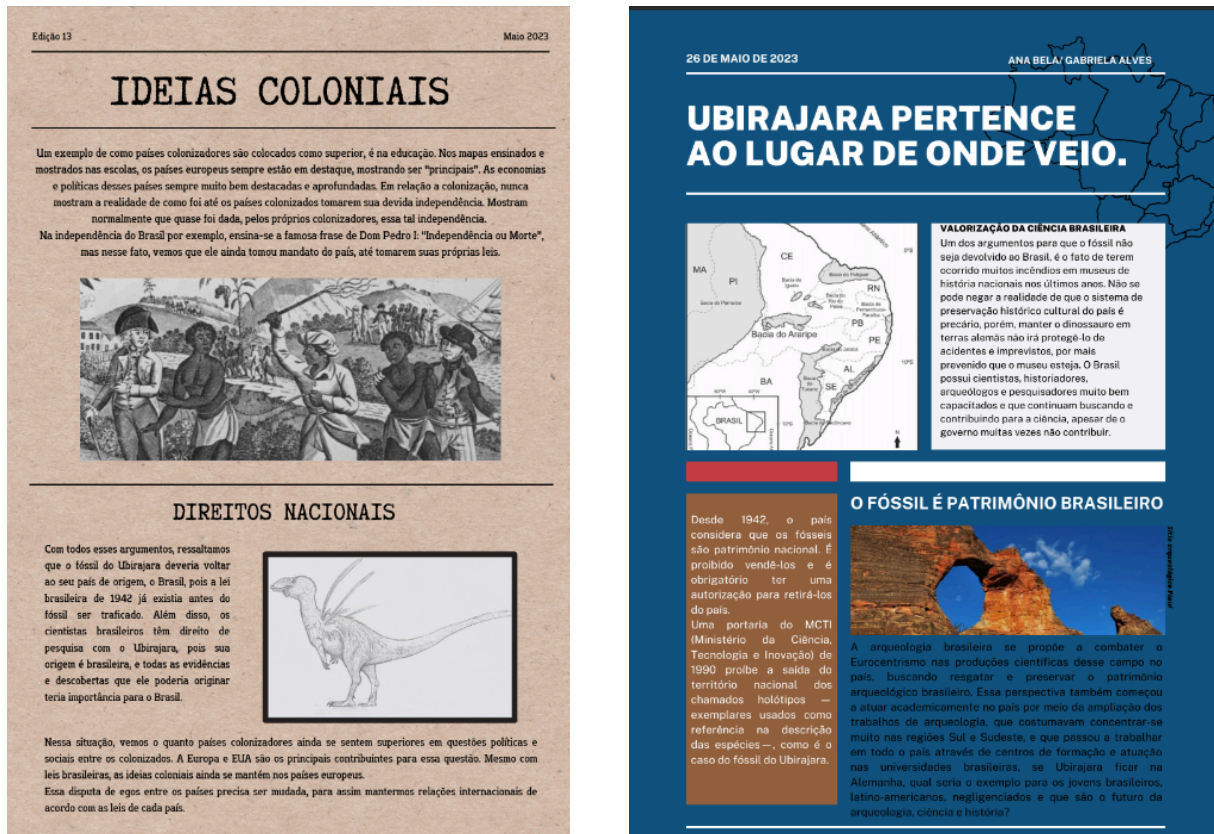
Interessante pontuar que, para além da devolução do *Ubirajara Jubatus* ao Brasil, a maior parte dos trabalhos estava comprometida em evidenciar a riqueza e as características específicas do local de origem do fóssil (Bacia do Araripe, Ceará). Notadamente, há uma ruptura com estereótipos vinculados à região, de maneira a contrapor narrativas espaciais hegemônicas, limitadas e reprodutoras de determinismo perigosos e violentos acerca dos sujeitos e processos constituidores do estado em questão. Reafirmando Massey (2017),

O que nós precisamos é de uma imaginação de espaço que incorpore as geometrias de poder que constroem este mundo altamente desigual. O que está em questão é a forma como, em um nível muito básico, nós pensamos o planeta, na verdade, a forma como pensamos sobre o próprio espaço geográfico (MASSEY, 2017: 38).

De encontro com o posicionamento de Massey (2017), a Geografia pode ajudar os jovens a explorar a natureza controversa do mundo, além de auxiliar os estudantes a explorarem como os lugares são complexos e variados, uma vez que grande parte da geografia está na mente - nas imagens mentais que levamos carregamos do e sobre o mundo. Dessa forma, a coexistência espaço-temporal promove a complexidade do pensamento, bem

como das articulações entre distintos contextos a favor de determinado posicionamento dos estudantes, conforme pode-se observar na Figura 3.

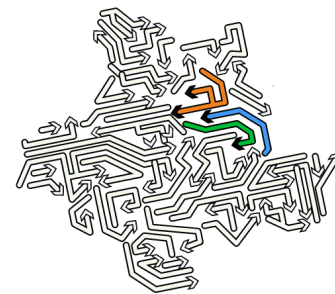
Figura 3- Exemplos de trabalhos entregues pelos estudantes



Fonte: acervo próprio

Ao observar os exemplos anteriores, é possível notar a constante demanda dos estudantes em evidenciar em suas produções a contextualização a partir de uma perspectiva sócio-histórica que rompe com perigosas romantizações de violentas neutralidades acerca das narrativas constituintes dos pertencimentos e identidades locais. O movimento de embate e questionamento aparece frequentemente nos newsletters, como uma forma de trazer narrativas decoloniais de agentes ativos sobre as realidades locais. Neste sentido, é possível trazer à tona o pensamento de Freire (1974) ao defender que,

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar [...] Ninguém luta contra



forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas de contorno não discirna; [...] Isto é verdade se refere-se às forças sociais[...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer” (FREIRE, 1974: 48).

Ao tomar consciência acerca da realidade que os cercam, os estudantes partiram para análises e propostas para além de narrativas centradas, majoritariamente, no local de origem do *Ubirajara Jubatus* (Ceará - Brasil), ou na perspectiva das fronteiras nacionais. Para um dos grupos, antes de qualquer movimento de discussões em escalas mais ampliadas, era de extrema importância o debate centrado na realidade local, o próprio colégio que frequentam, conforme é possível observar na Figura 4.

Figura 4 - Produções de um mesmo grupo



Estudantes se juntam nesse sábado 27/05/2023 para discutirem sobre o Ubirajara, segundo repórter do local " eram mais de 400 alunos defendendo a volta do Ubirajara para o Brasil.

Fonte: acervo próprio

Neste exemplo aparecem criações bastante interessantes. Diferente da maior parte dos outros trabalhos, este grupo optou por centrar toda a discussão a partir da perspectiva de vivência estudantil, produzindo símbolos e reuniões (fictícias) partindo da realidade e da demanda do próprio COTIL, concluindo na produção que,

Com este artigo buscamos o esclarecimento e a dispersão coerente do assunto. O Ubirajara é patrimônio brasileiro e deve ser estudado por nós. Afinal conhecimento é um bem que diz respeito a todos, porém, o sigilo mantido todo este tempo pode facilmente destruir relações internacionais e



impedir o avanço da humanidade à medida que nos tornamos nossos próprios inimigos. A pena por esconder o material paleontológico é a culpa por manter oprimida toda uma nação sem direito a conhecimento! (Comentário produzido pelo grupo).

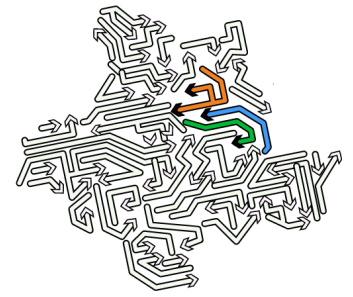
Aqui fica evidente o pensamento de que os sujeitos estão no espaço e são parte constituinte e constante do mesmo. Segundo Freire (1979), isso faz com que os indivíduos sejam capazes de se relacionar, de sair de si, de se projetar nos outros. Dessa forma, o ato de selecionar o COTIL enquanto locus principal da discussão promove o sentido de pertencimento e protagonismo local como motor das transformações propostas com relação ao retorno do *Ubirajara Jubatus* ao Brasil, evidenciando a importância da vivência e das relações estabelecidas no espaço escolar.

A maneira como os sujeitos chegam nos lugares e os sentimentos que carregam influenciam na forma como interpretam e são interpretados, refletindo acerca das problemáticas e conflitos cotidianos. Entre os pensamentos, estabelecem-se relações entre os conhecimentos, os saberes dos estudantes e a construção de identidades, mediados por valores culturais e por outras relações sociais anteriormente e constantemente construídas. Neste sentido, o espaço escolar não é apenas um espaço físico, mas um espaço construído cotidianamente através das inter-relações entre os sujeitos, onde trajetórias distintas coexistem em um processo de devir.

Considerações finais

A iniciativa da promoção de uma atividade pautada na produção de um newsletter foi extremamente interessante. Uma experiência que evidenciou o protagonismo e as demandas dos estudantes, além de promover o desenvolvimento do diálogo coletivo, bem como da consolidação de posicionamentos críticos perante as realidades individuais e compartilhadas, através de uma mirada socioespacial e historicamente comuns. Promover o imaginário geográfico (MASSEY, 2017), bem como as identificações e pertencimentos dos estudantes a partir de suas ações, enquanto sujeitos críticos no mundo (FREIRE, 1999).

O Webquest enquanto ferramenta didática evidencia uma prática pedagógica criativa, compromissada com uma construção coletiva de conhecimento, a qual, para além do desenvolvimento de determinada temática, evidencia o caráter ativo e transformador dos



estudantes, que estruturam posicionamentos de ações que estão coerentes às perspectivas de mundo e narrativas assumidas pelos alunos.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa por meio do processo 2020/16529-4, que permitiu a dedicação da qual esses resultados são fruto.

Referências bibliográficas

CASTELLAR, S.; DE PAULA, I. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 2020, Vol. 10, n. 19, p. 294-322.

CASTELLAR, S.; GARRIDO, M. P.; DE PAULA, I. R. Pensamiento espacial y raciocinio geográfico: Consideraciones teórico-metodológicas a partir de la experiencia brasileña. **Revista de Geografía Norte Grande**, [S. l.], n. 81, p. 429–456, 2022.

CISNEIROS, J. *et al.* Digging deeper into colonial palaeontological practices in modern day Mexico and Brazil. **Science, society and policy**.n.9. 2022.

DODGE, B. Webquest: uma técnica para aprendizagem na rede internet. **The Distance Educator**, v. 1, n. 2, p. 1-4, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

hooks, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. SP: Elefante, 2020.

MASSEY, D. A mente geográfica. **GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005. P. 116-142.